

O dilema dos ambientalistas

O famoso ambientalista inglês George Monbiot, ao analisar de forma clara o dilema dos ambientalistas, que precisam enfrentar uma dura realidade, demonstra a crise existencial do movimento ambiental quanto a geração da vital energia elétrica para o mundo moderno. A redução das emissões de gases de efeito estufa, na grande totalidade de países – o Brasil é exceção, está ligada a produção de energia elétrica. O ponto de consenso é a redução de consumo de energia – eficiência energética – que é a energia de baixo carbono que melhor substitui os fósseis no aquecimento e no transporte e ao mesmo tempo aumenta a segurança energética pela menor dependência dos combustíveis fósseis importados. Mas a realidade é que no mundo a demanda de energia deverá aumentar mesmo que exista um enorme ganho na redução de consumo. A energia de baixo carbono significa, para os verdes, energia renovável (solar, eólica, etc.). Mas em lugares como a Escócia a opinião pública está furiosa com parques eólicos e linhas de transmissão ligadas a esses parques, visto que agridem ao visual bucólico de suas lindas paisagens. Aqueles que suportam as renováveis se encontram em posição difícil: mais eólicas mais linhas de transmissão mais poluição visual. Mesmo eólicas *offshore*, com seu menor impacto na paisagem, significam mais ligações ao *grid* e linhas de transmissão. A alternativa mais viável para uma energia de baixo carbono seria a energia nuclear. Ela tem a vantagem de estar concentrada num sítio industrial, requerendo menor transmissão, mas também tem desvantagens como o tratamento do rejeito que é produzido e deve ser estocado por décadas. Além disso, os governos ainda têm receio da opinião pública para tratar o problema, principalmente depois de Fukushima. A energia nuclear divide os movimentos ambientalistas, especialmente com a oposição de ONGs de peso.

Para qualquer tecnologia de baixo carbono que é abraçada pelos ambientalistas devem ser dadas as alternativas para que haja crescimento industrial sem a emissão de gases de efeito estufa, mas na prática o crescimento está ligado a mais emissões de gases de efeito estufa, conforme afirma o Comissário Europeu para Energia. Para evitar isso, o fim do uso de fósseis deveria ser acompanhado de uma economia forte, que não perca os empregos. Aqueles ambientalistas que advogam o retorno a uma economia baseada na terra e o abandono da sociedade industrial se acham em conflito com os desejos da maioria da humanidade, tanto das nações ricas como as pobres. Eles ainda não produziram uma plataforma de como a sociedade pode se voltar contra aos produtos manufaturados, bem como aos serviços públicos e a infraestrutura avançada. Por outro lado, a nossa dependência de produtos minerais, que supostamente trouxe a destruição e levaria a sua exaustão, continuará. O capitalismo tem levado a novos investimentos e à novas descobertas de reservas, sendo que a mineração é feita de forma sustentável. A tecnologia, no caso dos fósseis, vem desenvolvendo reservas onde há uma década não seria possível, o que vem a suprir a produção que estava exaurindo. Os ambientalistas não têm ideia do que fazer. Como consequência eles começam entrar em conflitos. Aqueles que tentam proteger a paisagem parecem inimigos daqueles que protegem os renováveis na substituição dos fósseis, e daqueles que promovem a energia nuclear como saída para as mudanças climáticas. Todos estão lutando com a química atmosférica e as restrições físicas. O grande erro deles vem da negação dos problemas ou da adoção de meias verdades.

Os opositores da energia eólica negam as mudanças climáticas. Os que promovem a energia eólica negam os impactos na paisagem. Os entusiastas da energia nuclear ignoram os impactos da mineração e da segurança dos resíduos e os opositores falam do impacto da radiação de longa duração, quando ocorrer vazamentos. Os ideólogos de um retorno à economia da terra são contra a indústria, mas falham ao explicar como a medicina, os óculos e outros produtos com tecnologia avançada podem ser produzidos, e baseiam-se em formas de energia renováveis que não podem entregar a energia firme necessária e são antieconômicas. Os verdes tecnocráticos se recusam a ver que sem desenvolvimento econômico uma série de catástrofes não serão evitadas e nem a miséria será reduzida. Os românticos verdes insistem que o problema pode ser resolvido sem equacionar esses dilemas, mas falham em dizer como isso pode acontecer. Os ambientalistas trabalham por impulsos ou por interesses econômicos e se movem pela negação dos problemas, não olham o problema ambiental de forma holística. Isso faz com que o ambientalismo esteja se torpedeando internamente e estão tratando de resolver uma emissão por vez, não conseguindo argumentar que máquinas eles preferem para dar energia a uma economia que precisa crescer, já que 3,6 bilhões de pessoas no mundo não tem energia em quantidade e qualidade suficiente para ter um padrão de vida digno.

Exemplos destas contradições são constantes. O Chile, país que cresce e precisa de energia, está desenvolvendo um projeto de 2,7 GW de hidroelétricas na Patagônia que está sofrendo forte oposição de grupos ambientalistas. Por outro lado, plantas a carvão também tem opositores e, num país com intensa atividade sísmica, a nuclear não é opção. Como o Chile vai ter energia? Eólica e solar não são a solução para uma economia que precisa de energia firme. Na Alemanha, a decisão política de parar com 17 usinas nucleares até 2022 poderá provocar *blackouts*, se simplesmente basear-se em eólica e solar para substituir esse parque nuclear, e os verdes querem ainda que isso ocorra em 2017. Nesta semana, grupos ambientalistas europeus estão acionando judicialmente a Comunidade Européia por conta da sua política de biocombustíveis, que estaria exacerbando a competição com a produção de alimentos, causando o aumento de preço dos mesmos. No Brasil isso não é diferente. Todas as formas de energia tem seus impactos ambientais. Não poderemos discriminar nenhuma forma. Se quisermos desenvolver o Brasil e reduzir a miséria, que é agenda do Governo Dilma e que deveria ser o foco da visão holística do ambientalismo, precisaremos usar todas as fontes de energia de forma que minimizemos os seus impactos e não oneremos a sociedade brasileira com tarifas elevadas que levam o país à desindustrialização, com a redução de empregos, como está acontecendo na Espanha.

Fernando Luiz Zancan

Presidente da Associação Brasileira do Carvão Mineral – ABCM

Mai de 2011